

Funcionamento discursivo dos glossários na literatura surda: Libras e Língua Portuguesa

Discursive functioning of glossaries in deaf literature: Libras and Portuguese language

Maria Norma Lopes Souza Silva¹

Universidade Federal de Rondônia - UNIR
normalibras@unir.br

Flávio Roberto Gomes Benites²

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
frgbenites@unemat.br

RESUMO: Este estudo tem como objetivo compreender o funcionamento discursivo dos glossários na literatura surda voltada para o público infantil. Nossa reflexão fundamenta-se a partir do quadro teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD), em confluência com os estudos da História das Ideias Linguísticas (HIL). O corpus é constituído pelos glossários que integram a seção final dos seguintes livros de literatura surda infantil: *Cinderela surda e Rapunzel surda*, de (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003) e *Adão e Eva* e *Patinho surdo* (Rosa; Karnopp, 2005). A análise aponta que os glossários institucionalizam saberes que acompanham o movimento de legitimação da Libras no país, tanto em sua forma sinalizada quanto escrita.

Palavras-chave: Funcionamento discursivo; Glossários; Literatura surda; Língua brasileira de sinais.

ABSTRACT: This study aims to understand the discursive functioning of glossaries in deaf literature aimed at children. Our reflection is based on the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis (DA), in confluence with studies of the History of Linguistic Ideas (HIL). The corpus consists of glossaries that integrate the final section of the following books of deaf children's literature: *Deaf Cinderella* and *Deaf Rapunzel* by (Hessel; Rosa; and Karnopp, 2003), and *Adam and Eve* and *Deaf Duckling* by (Rosa and Karnopp, 2005). The analysis indicates that glossaries institutionalize knowledge that accompanies the movement of legitimization of Libras in the country, both in its signed and written forms.

Keywords: Discursive functioning; Glossaries; Deaf literature; Brazilian sign language.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Professora do curso de Pedagogia e Letras-Inglês da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

² Doutor em Linguística Aplicada pela UNICAMP. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Introdução

Ao participar das discussões em nosso Grupo de Pesquisa Escritura: Língua(gens), discurso e ensino de línguas, temos abordado, a partir da perspectiva discursiva, questões relacionadas à Libras no campo literário.

Recentemente, em uma pesquisa de doutorado em Linguística, investigamos a literatura surda com o objetivo de compreender o funcionamento da autoria na literatura surda escrita em língua portuguesa. Naquele momento, embora nossa pesquisa considerasse a língua dos surdos brasileiros, a Libras, os glossários presentes nessas obras não foram objeto de uma reflexão específica, pois o foco do estudo seguia outro percurso. Assim, optamos por adiar a análise dos glossários para um momento posterior, reservando-a para um artigo em que pudéssemos explorar essa temática de forma mais específica.

Neste artigo, o foco recai sobre os livros de literatura surda infantil – *Cinderela surda* e *Rapunzel surda*, de Carolina Hessel (surda), Fabiano Souto Rosa (surdo) e Lodenir Karnopp (ouvinte), publicadas em 2003, e *Adão e Eva* e *O Patinho surdo* de Rosa (surdo) e Karnopp (ouvinte), publicadas em 2005 – nos quais os glossários se fazem presentes. Nesses livros, os glossários integram a seção final das obras literárias analisadas. Os livros publicados em 2003 são construídos pela relação entre imagens e a escrita de sinais em *SignWriting*. Já os livros publicados em 2005 são compostos por fábulas, nas quais os animais sinalizam em Libras, estabelecendo uma relação entre os sinais e sua representação escrita em língua portuguesa. É sobre esse gesto e essas marcas que buscamos compreender o funcionamento discursivo dos materiais elencados.

Trata-se de um trabalho que se insere no campo da História das Ideias Linguísticas (Auroux, 2014), e se articula com a teoria da Análise de Discurso (Pêcheux, 2014; Orlandi, 2015, 2011). Tal articulação implica considerar a seleção dos glossários como discurso sobre a língua na relação com o sujeito (Medeiros, 2016; Medeiros, 2019), reconhecendo ainda que os glossários são também lugares de memória na língua (Petri; Medeiros, 2013). Com Orlandi (2011), compreendemos que o funcionamento discursivo é a atividade estruturante de um discurso determinado. Dessa forma, focalizamos nos glossários dos autores já mencionados, considerando-os a partir de sua língua e escrita.

Funcionamento discursivo dos glossários

O registro dos primeiros glossários é bem antigo e retoma o período que corresponde aos séculos V ao XV. Nesse momento, os egípcios, gregos, babilônios e chineses dispunham de uma técnica de registros escritos, consideradas por Auroux (2014) como lista de palavras. Segundo Auroux (2014, p. 73), listas de palavras têm a finalidade de “explicar uma palavra mais difícil por palavras mais fáceis ou palavras do vernáculo [...] uma tecnologia de linguagem que produz um objeto técnico” e relevante para a humanidade (Mariani, 2020, p. 12).

As listas de palavras são consideradas uma das técnicas mais antigas do saber linguístico da humanidade, sendo usadas para fins específicos e que através dessas listas deram origem aos glossários.

A história dos glossários origina-se no Renascimento e “consistiam em reunir, ao final de um texto, palavras cuja significação poderia ser relativamente desconhecida” (Mariani, 2020, p. 11). Os glossários fazem parte da história do Brasil desde a colônia de Portugal, adentraram a República, deslocaram-se para século XX e permanecem na contemporaneidade. Sobre o funcionamento dos glossários, Medeiros afirma que:

Um glossário se apresenta como listas de palavras postas umas ao lado de outras como se equivalendo num movimento sinonímico; outras vezes, os glossários apresentam categorias gramaticais, explicações, definições bem como exemplos ou citações caucionando o verbete (2019, p. 90).

Quanto a organização, os glossários podem manifestar-se como “apêndice ou rodapé do texto, ou ainda que se faz texto à parte; que diz respeito ao tempo de elaboração (se posterior ou anterior ao texto)” (Medeiros, 2016, p. 83). E ainda, os glossários incluem termos citados que o livro introduz ao sujeito leitor ou são incomuns, visto que o glossário constitui um “lugar de dizer a mais sobre a língua [...] é como se houvesse algo ainda a ser dito, a ser destacado, que não se esgota no texto e que se faz em outro lugar” (Medeiros, 2016, p. 81). Desse modo, o glossário desloca para uma produção de conhecimento sobre a língua ao ressignificar léxicos de termos pertencentes a um determinado campo de conhecimento linguístico (Mariani, 2020).

Nesse sentido, podemos pensar a posição que o sujeito ocupa ao elaborar os glossários. Medeiros afirma que os glossários são produzidos por diferentes posições discursivas: “posição lexicógrafo, posição editor, posição escritor” (Medeiros, 2016, p. 80). Diante da posição que esses sujeitos assumem ao produzir seus discursos, “muitos dedicam-se à confecção de glossários para os próprios livros, seguindo o princípio de Renascimento, ou seja, registram

determinadas palavras com seus significados específicos”, como processo de produção de sentidos de retorno da língua sobre a língua (Mariani, 2020, p. 11).

Outrossim, os glossários também são lugares de memória na língua. Nesse sentido, Petri e Medeiros afirmam que:

Memória que não se faz sem desvãos, interditos, apagamentos e deslocamentos; memória tensa, tecida na e sobre a língua nos procedimentos tornados prática no fazer dicionarístico: seleção, indicação sobre a palavra – se substantivo, se brasileirismo, por exemplo – definição e/ou explicação, exemplificação, remissão a outros verbetes e fontes indicadas. Uma língua que, nesses lugares, vai funcionando como evidente e como patrimônio de uma nação (ou de uma região). Não é diferente nos glossários; esses, como sabemos com Auroux, advieram de listas de palavras e resultaram em dicionários. Se os glossários têm tal trajetória, isto não significa, contudo, que perderam espaço para os dicionários. Ao contrário, continuam sendo produzidos seja em livros de literatura ou não (2013, p. 50-51).

Compreendemos, nesse sentido, que a memória é histórica; portanto, os glossários trazem um saber discursivo que retomam as condições de produção específicas em que os sujeitos estão inseridos.

Com Orlandi (2011, p. 125), entendemos que o funcionamento discursivo “é a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interdiscurso determinado, com finalidades específicas”. Isso significa que a maneira como o discurso é produzido, proferido, recebido e interpretado está diretamente relacionada a um determinado funcionamento discursivo. A partir desses apontamentos iniciais, vamos apresentar os glossários na literatura surda infantil e, posteriormente, fazemos uma incursão analítica a fim de interpretarmos os modos de sua constituição nos materiais abaixo descritos.

Glossários da literatura surda

A partir do ponto de vista teórico ao qual nos filiamos, a literatura constitui “uma forma de discurso porque faz uso específico da língua colocando-a em funcionamento” (Fragoso, 2001, p. 18). No contexto da literatura surda, ao produzir esses discursos literários, os surdos passam a ocupar esse lugar para falar/sinalizar sobre a sua língua no Brasil, ou seja, para registrar conhecimentos literários sinalizados também na materialidade impressa, escrita (Silva, 2023).

Como dissemos, vamos apresentar brevemente alguns apontamentos sobre a literatura surda, os glossários e as obras literárias selecionadas para análise. Para embasar a temática da literatura surda, compartilhamos as formulações de Strobel (2016) e Karnopp (2008).

Uma literatura surda retrata as vivências das comunidades surdas ao longo das gerações, abordando desafios e conquistas na relação com os ouvintes. Além disso, destaca ações em situações inesperadas, testemunhos sobre grandes líderes, militantes surdos e a valorização da identidade e cultura surda (Strobel, 2016). A literatura surda também envolve o uso da língua de sinais, o contato com ouvintes possibilitando uma experiência bilíngue por meio desse intercâmbio linguístico (Karnopp, 2008).

Sendo assim, as obras de literatura surda passam a circular nos espaços brasileiros a partir do início do século XXI, período em que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) recebeu o reconhecimento legal por meio da Lei nº 10.436, de 2002. Com efeito, a partir desse momento, há uma confluência ao pensamento de Aurox (2014, p. 76), ao afirmar que ocorre um processo de “uma transferência de tecnologia de uma língua para outras línguas”, ou seja, uma correspondência entre as expressões de enunciados da Libras para a língua portuguesa no campo literário. Esse gesto sinaliza a institucionalização do saber sobre a língua, a Libras.

Segundo Sutton-Spense (2021, p. 5), a “literatura surda em Libras é fundamental para a expressão dos surdos na sua própria língua. Compreender melhor a arte feita na sua língua é um direito de todos os surdos no Brasil”.

Desse modo, ao nos debruçarmos sobre algumas obras, da literatura surda, que circulam no Brasil, notamos que, em geral, sua estrutura interna inclui o enredo e glossários. Esse glossário ocupa um espaço nos livros impressos de literatura surda e apresenta, como entrada, léxico nas duas línguas envolvidas: a Libras e o Português. Um fato que nos chamou a atenção diz respeito a esses glossários, que constituem um possível complemento literário, ou seja, tornar claro e compreensível algumas expressões do texto.

Vamos abrir um parêntese aqui para falar um pouco sobre o surgimento dos glossários na Libras. Silva (2012) afirma que, desde os anos 2000, os glossários em Libras se expandiram para atender a necessidades específicas, como disciplinas acadêmicas, áreas técnicas e espaços religiosos. Eles visam suprir a falta de sinais, principalmente quando ausentes nos dicionários ou quando é necessária uma definição.

Retomemos o campo literário. Em relação ao campo literário, apresentaremos algumas literaturas surdas³ adaptadas/produzidas por surdos e ouvintes na modalidade escrita que incluem glossário:

- *Cinderela surda* (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003a);
- *Rapunzel surda* (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003b);
- *Patinho surdo* (Rosa; Karnopp, 2005a);
- *Adão e Eva* (Rosa; Karnopp, 2005b).

As obras mencionadas acima apresentam o foco de nossa pesquisa. Nelas há os glossários impressos selecionados a partir da literatura surda, publicados em 2003 – ano seguinte ao reconhecimento legal da Libras no Brasil – e em 2005, ano da regulamentação da Lei da Libras por meio do Decreto nº 5.626/2005.

Nosso propósito aqui é compreender o funcionamento discursivo dos glossários que compõem a parte final das obras literárias impressas em análises. São glossários elaborados por Hessel (surda), Rosa (surdo) e Karnopp (ouvinte) e que versam sobre as línguas, portuguesa e língua brasileira de sinais, constituídos por uma representação de IMAGEM/SignWriting⁴ ou SINAL/PALAVRA. São elementos que possuem uma historicidade sobre a língua sinalizada pelos sujeitos surdos.

As obras selecionadas para análise são *Cinderela surda* e *Rapunzel surda*, de Hessel (surda), Rosa (surdo) e Karnopp (ouvinte), publicadas no ano de 2003 em Português e Escrita de sinais (SignWriting) pela editora ULBRA, no Brasil; *Adão e Eva* e *Patinho surdo*, de Rosa (surdo) e Karnopp (ouvinte), publicadas no ano de 2005 em Português e ilustrações sinalizadas em Libras, também pela editora ULBRA, no Brasil. Trata-se de obras que discorrem sobre a língua-cultura e identidade surda. Karnopp (2008) afirma que essas evidências estão no uso da língua de sinais, na forma de narrar e adaptar histórias clássicas, considerando suas experiências, modos de leitura, tradução e percepção dos produtos culturais que consomem e são produzidos.

Mediante essas obras, selecionamos o corpus, que consiste no recorte dos glossários presentes nas obras de literatura surda. Como dissemos acima, adotamos como base teórica para

³ Essas literaturas foram selecionadas devido à sua relevância na representação da língua-cultura surda, tendo sido produzidas e publicadas por autores surdos e ouvintes no início do século XXI. Destacamos que há um número significativo de literatura surda na materialidade impressa e sinalizada em Libras. Para um aprofundamento maior sobre a literatura surda, a tese de doutorado pode ser acessada aqui: [https://portal.unemat.br/media/files/Tese_de_Doutorado_Maria%20Norma%20Lopes%20Souza%20Silva\(1\).pdf](https://portal.unemat.br/media/files/Tese_de_Doutorado_Maria%20Norma%20Lopes%20Souza%20Silva(1).pdf)

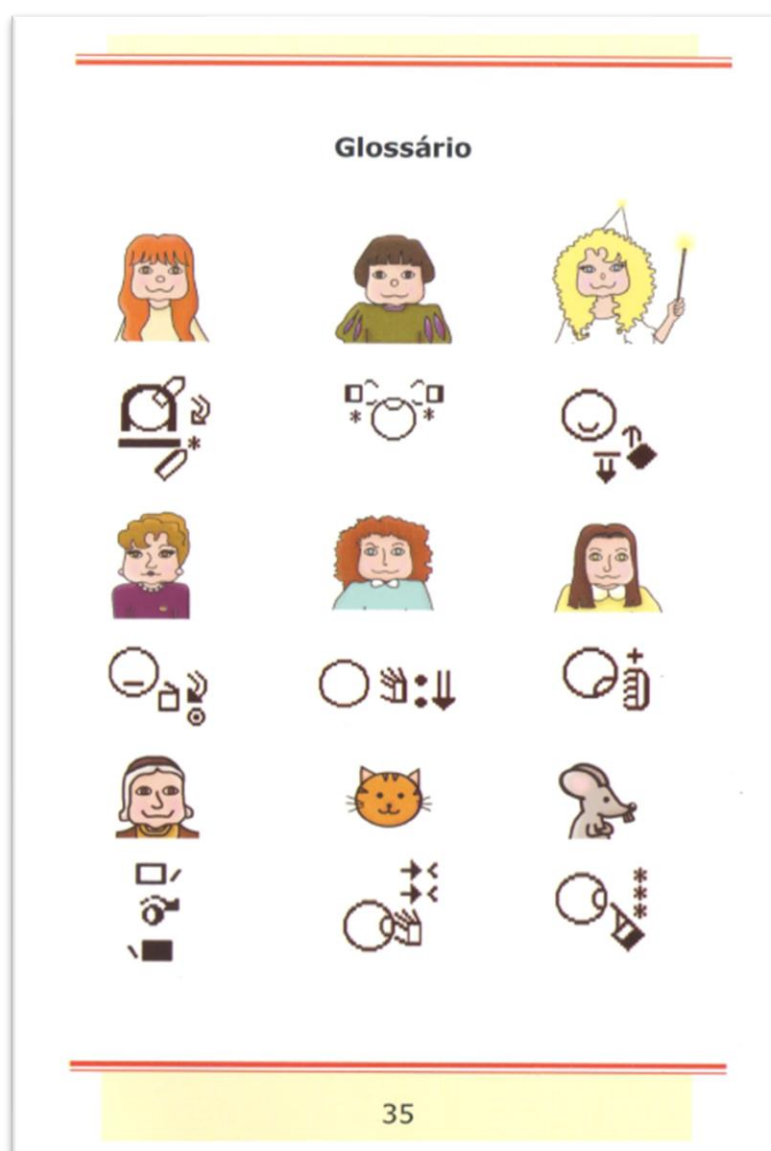
⁴ A SignWriting é uma escrita com características gráfico-esquemáticas que permite combinar seus símbolos para registrar por escrito a forma visual dos sinais (Stumpf, 2005, p. 18).

essa pesquisa a Análise de Discurso materialista, fundada por Pêcheux na França e desenvolvida por Orlandi e outros pesquisadores, no Brasil.

Funcionamento discursivo dos glossários na literatura surda

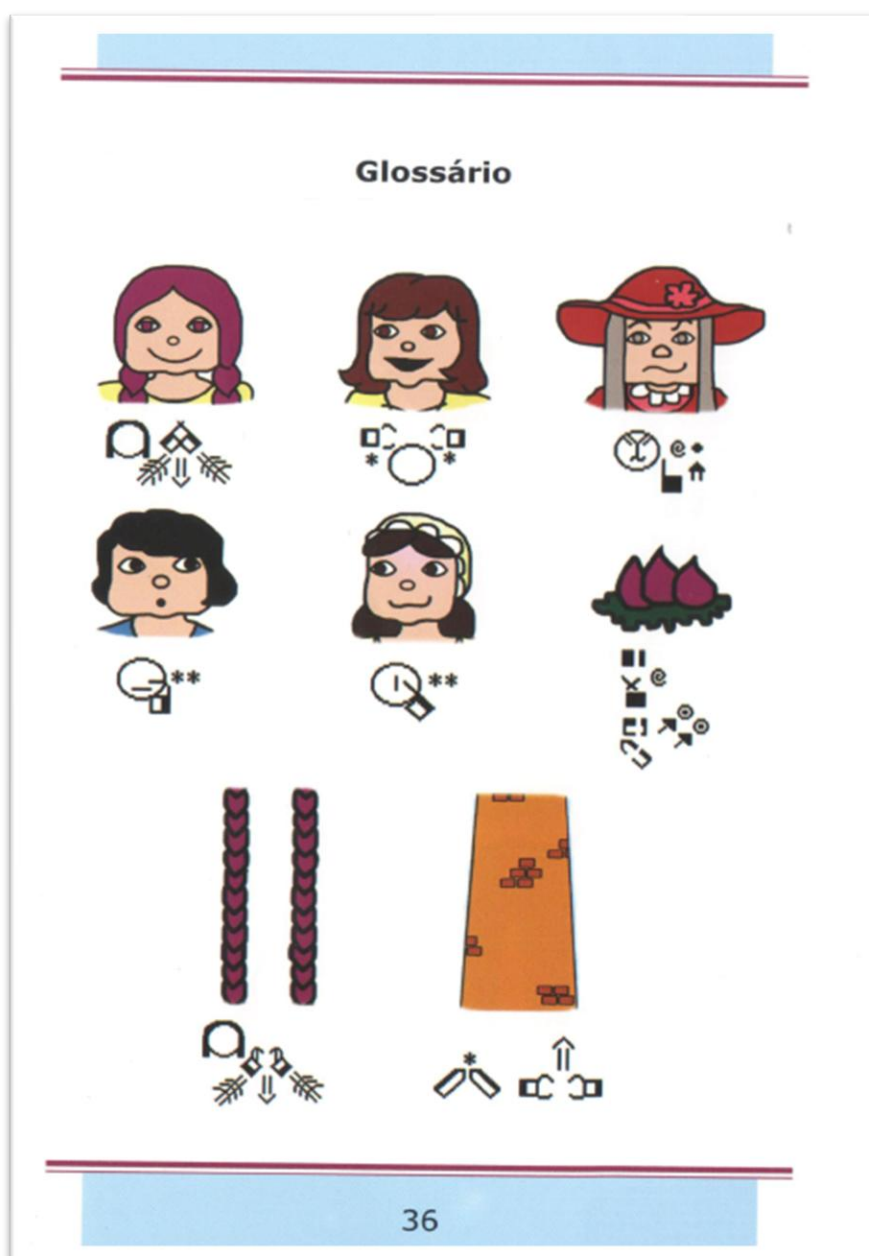
Vejamos, a partir daqui, as representações imaginárias dos glossários das obras selecionadas – *Cinderela surda*, *Rapunzel surda*, *Adão e Eva* e *Patinho surdo* –, bem como nossas reflexões acerca delas:

Recorte 1 - Glossário: *Cinderela surda*



Fonte: Hessel; Rosa; Karnopp (2003a).

Recorte 2 - Glossário: *Rapunzel surda*



Fonte: Hessel; Rosa; Karnopp (2003b).

Salientamos que esses dois glossários apresentam uma semelhança ao manterem a mesma lógica argumentativa, são compostos por apenas uma página, se localizam no final de cada narrativa literária e possuem duas materialidades discursivas: linguagem visual (figuras) e linguagem verbal (escrita em sinais) como produção de sentidos.

Nos R-1 e R-2, os glossários são constituídos por uma categoria gramatical (substantivos próprio e comum) representadas pelas imagens dos personagens principais e objetos/coisas das obras literárias. Em R-1, temos Cinderela, príncipe, fada, madrasta, filha (s)madrasta, mestre L'Epeé, gato e rato. Em R-2, temos Rapunzel, príncipe, bruxa, pais de rapunzel, rabanete, trança

e torre, ambas seguidas por uma representação de sinonímias, a escrita em sinais, ou seja: representação visual e signwriting.

Em relação às imagens/desenhos em R-1 e R-2, observamos que os autores chamam a atenção para a representação dos personagens e alguns objetos das respectivas histórias, Cinderela surda e Rapunzel surda. Quando visualizamos os glossários, num primeiro momento, são as imagens visuais e coloridas que nos chamam a atenção. São imagens que representam as características faciais e que possibilitam identificar os personagens ou objetos da narrativa.

Nesse sentido, pelo mecanismo de antecipação⁵, formação imaginária (Orlandi, 2015), os sujeitos autores, ao enunciarem (representação visual/imagens), imaginam que o sujeito leitor, ao visualizar as imagens, possa fazer uma relação com os personagens que se presentificam no interior da narrativa literária e compreender o significado. Porém, em caso de dúvida podemos relacionar essas imagens com as já apresentadas durante a narrativa. Assim ficará mais fácil identificá-las, visto que não temos uma representação escrita em língua portuguesa nos glossários.

Essa representação dos personagens/objetos não é colocada de modo aleatório nos glossários, ela está presa ao texto visto que os autores não deixam a palavra/imagem “correr solta; arranca-a de lá para formar outro corpo: um glossário que reenvia ao texto e denuncia assim um lugar de língua. Sobre a língua, uma vez que separa certo número de palavras, classifica-as e/ou sobre elas propõe sinonímias [...]” (Medeiros, 2016, p. 80).

Nesse sentido, percebemos que os autores organizam os desenhos nos glossários pelo grau de destaque dos personagens: Em R-1, inicia com Cinderela surda, príncipe, madrasta...; e; em R-2, temos Rapunzel surda, príncipe, fada... Percebemos que esses glossários não seguem uma ordem alfabética visto que a língua portuguesa não se presentifica nesse espaço. Temos uma ordem diferenciada marcada pelo visual e não pela escrita da língua portuguesa, ou seja, o glossário é constituído por personagens e animais/objetos que se destacam no enredo das obras literárias.

Contudo, logo abaixo de cada materialidade visual/desenhos, temos a escrita da língua de sinais, SignWriting. Assim, há a presença de uma escrita de signos que representam perfeitamente os sinais em língua brasileira de sinais, ou melhor, um sistema de registro da

⁵ [...] Segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. Este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor (Orlandi, 2015, p. 39).

comunicação dos sujeitos surdos, substituindo, assim, a representação escrita da língua portuguesa.

Ao nosso ver, esse gesto dos autores representa uma maneira de convidar o sujeito leitor a perceber que a língua brasileira de sinais possui uma escrita, a *SignWriting*, mesmo que não seja reconhecida, mas uma escrita necessária segundo os pesquisadores surdos, para o processo de alfabetização das crianças surdas. Assim os sujeitos autores organizam o seu dizer numa direção que possivelmente afetará o sujeito leitor, ou melhor, “adéqua o seu dizer conforme o efeito que ele espera do outro. [...]” (Silva, 2012, p. 95).

Nesse sentido, a pesquisadora surda Stumpf⁶ faz uma confirmação sobre a importância da escrita de sinais para os sujeitos surdos: “a escrita de sinais [...] é a forma própria de escrever a língua de sinais. A comunidade surda que utiliza a língua de sinais merece ter também sua escrita. Da mesma forma, as crianças devem escrever os sinais uma vez que usam a língua de sinais”.

Desse modo, os autores regulam o seus dizeres conforme o que se pretende provocar no sujeito leitor: um instrumento para mostrar que a língua brasileira de sinais possui uma escrita, uma escrita que pode ser substituída pela escrita da língua portuguesa e que possui os seus valores linguísticos, visto que a localização em que a escrita de sinais comparece substitui/ocupa o espaço da língua portuguesa nos glossários.

Essa observação é corroborada por Petri e Medeiros (2013, p. 91), pois afirmam que “um glossário de literatura traz aquilo que ainda não é considerado da língua, aquilo que é próprio de um lugar outro e que pode vir ou não a pertencer à língua”. Nesse sentido, talvez se possa dizer que, no momento em que os autores inserem a escrita de sinais nos glossários apontam para uma outra materialidade, a fim de que o sujeito leitor aprenda a escrita da língua brasileira de sinais e não a escrita da língua portuguesa.

Dessa forma, acreditamos que a inserção da escrita em sinais representa uma possibilidade de os autores estabilizarem, mesmo de forma relativa, a língua brasileira de sinais por meio de uma representação gráfica (escrita) e que pode ser reconhecida por todos, surdos e ouvintes. Porém, ao visualizar os desenhos, os autores, a partir do mecanismo de antecipação, pressupõem que o sujeito leitor consiga produzir o sinal com as mãos. Desse modo, essa possibilidade será viável se o sujeito leitor compreender a escrita de sinais que não é tão simples assim, visto não ser tão difundida no Brasil.

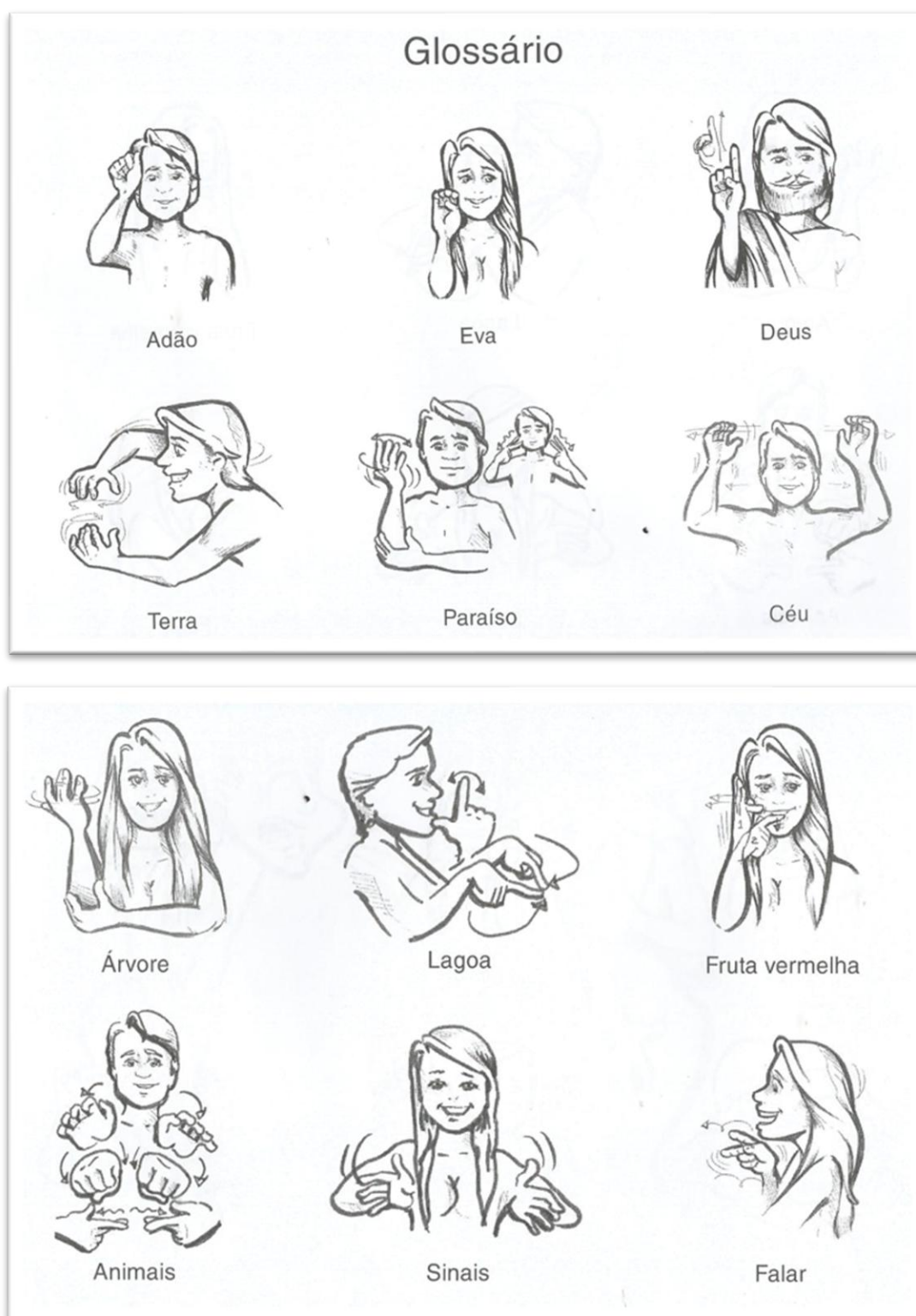
⁶ Ver: <https://www.libras.com.br/signwriting>.

Assim, a escrita em sinais nos glossários reforçaria o efeito de evidência da escrita da língua brasileira de sinais, mas ao mesmo tempo retoma a uma memória histórica que envolve as pesquisas sobre a escrita da língua brasileira de sinais as quais tiveram início por pesquisadores ouvintes e surdos em Instituições localizadas no Rio Grande do Sul, região dos autores. Enfim, os autores marcam a língua brasileira de sinais por meio do registro escrito da comunicação dos surdos, representado por signos desenhados que também correspondem aos sinais em Libras. Assim, ao inserir a escrita da língua brasileira de sinais em livros literários, esse gesto dos autores constitui um modo de reconhecimento da língua escrita que pertence aos sujeitos surdos brasileiros.

Nesse sentido, estamos em consonância com o pensamento de Auroux (2014) ao afirmar sobre uma “mudança de estatuto do texto escrito”. Compreendemos que essa mudança também acontece no texto que compõe a literatura surda.

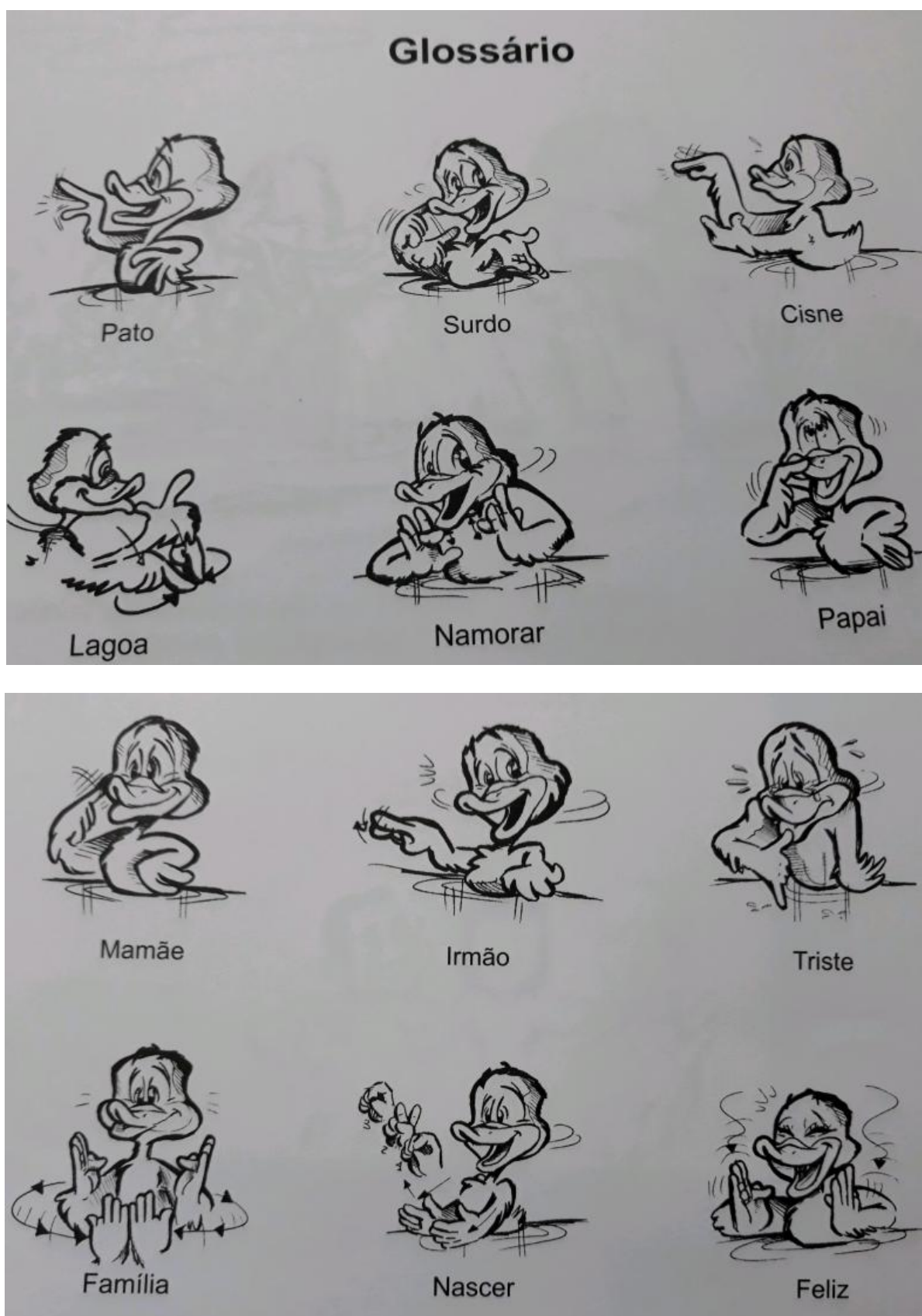
Na sequência, vejamos os seguintes recortes dos glossários nos livros *Adão e Eva* e *Patinho surdo*, produzidos por Rosa e Karnopp (2005), que nos mostram outros elementos da língua brasileira de sinais, organizados pelos respectivos autores.

Recorte 3 - Glossário: *Adão e Eva*



Fonte: Rosa; Karnopp (2005b).

Recortes 4 - Glossário: *Patinho surdo*



Fonte: Rosa; Karnopp (2005a).

Nos R-3 e R-4, notamos uma mesma lógica argumentativa em relação às materialidades discursivas: desenhos em sinais (Libras) e a representação de cada sinal pela escrita alfabética em português, ou seja, uma tradução. Os desenhos sinalizados são produzidos e representados pelos personagens principais dos respectivos livros literários. Em R-3, Adão e Eva realizam alguns sinais e, em R-4, o Patinho surdo, personificado, sinaliza.

Sobre o modo organização, sequência dos sinais/palavras, presenciamos em R-3 e R-4 uma semelhança no que concerne à categoria gramatical (substantivos, verbos, adjetivos) representada pelas imagens sinalizadas. Em R-3, presenciamos os seguintes sinais: Adão, Eva, Deus, terra, paraíso, céu, árvore, lagoa, fruta vermelha, animais, sinais e falar. Em R-4, temos pato, surdo, cisne, lagoa, namorar, papai, mamãe, irmão, triste, família, nascer e feliz.

Podemos dizer que a posição que os sinais ocupam nos glossários constitui um outro modo que o sujeito leitor terá acesso à narrativa já contada. No momento em que o sujeito leitor visualiza ou realiza os sinais, ele passa a recontar a história, visto que os sinais nos glossários são compostos por substantivos, verbos e adjetivos. Isso nos remete para a ordem das frases na língua brasileira de sinais que são bem sintéticas, principalmente no contato inicial dos sujeitos ouvintes com a língua brasileira de sinais.

Nesse sentido, a pesquisadora Ferreira-Brito (2010) afirma que há várias possibilidades para ordenar as palavras em sentenças produzidas na língua brasileira de sinais; porém, a ordem mais básica frequentemente é constituída por SUJEITO-VERBO-OBJETO. Podemos dizer que os sinais inseridos nos glossários possibilitam formar frases e recontar brevemente a história em língua brasileira de sinais e não apenas registrar determinados sinais com seus significados específicos.

Aqui, o glossário em língua brasileira de sinais passa a produzir outros sentido: possibilita o aprendizado da língua brasileira de sinais, iniciando com palavras, formando frases e até contando histórias curtas nessa língua.

Assim sendo, temos um glossário que já (re)conta a história por si no momento em que o sujeito leitor faz uso dos sinais. Visto que o público leitor dos livros literários infantis geralmente são as crianças, Capovilla et al. (2017, p. 39) afirmam que a ilustração do significado do sinal, ou seja, a representação visual do sinal “permite à criança apreender diretamente o sentido do sinal sem depender do Português, o que facilita a sua memorização e o seu uso”. Logo o sujeito leitor passa a sinalizar palavras, frases e aos poucos torna a língua brasileira de sinais visível em diversos ambientes.

Nesse sentido os nomes nessa relação palavra-coisa, ou seja, sinal/palavra não seguem o padrão de organização dos glossários. Em R-3 e R-4, a escrita dos sinais em língua portuguesa

comparece abaixo de cada representação do sinal, porém as palavras não seguem uma ordem alfabética, padrão dos glossários. Percebemos que essa ordem não se faz necessária visto que não há palavras negritadas/destacadas durante os textos para que o sujeito leitor recorra aos glossários em busca do sentido das palavras. Ainda, os glossários estão organizados em duas páginas, contendo apenas sinais e a representação do sinal na escrita em língua portuguesa. Desse modo, percebemos que essa ordenação dos sinais/palavras presentes nos glossários literários dá lugar para a visibilidade desse saber que legitima a língua de sinais pertencente aos sujeitos surdos brasileiros e que, segundo Petri e Medeiros (2013, p. 51), “no glossário, o efeito é [...] da parte especial e específica da língua”.

Outra particularidade evidenciada em R-4 refere-se à presença do discurso literário e, em R-3, temos a presença do discurso religioso. Sobre isso, Althusser (2022) aponta para a ideologia religiosa-cristã como um exemplo de como a ideologia se materializa nas práticas sociais e linguísticas. Isso nos chama atenção para o aparecimento do discurso religioso como forma de dar visibilidade à língua brasileira de sinais por meios de sinais dos termos religiosos. Presenciamos os termos na categoria gramatical (substantivos, verbo) em R-3: Adão, Eva, Deus, terra, paraíso, céu, árvore, lagoa, fruta vermelha, animais, sinais, falar. Temos então um discurso religioso que apresenta alguns aspectos relativos à criação em sinais.

Percebemos que, ao inserirem o discurso religioso nessas produções literárias sobre a Libras os autores criam um meio de fazer circular os sinais de termos religiosos em diferentes ambientes. Assim, o público leitor, composto por sujeitos surdos e ouvintes, pode aprender os sinais desses termos religiosos e, ao mesmo tempo, a própria Língua Brasileira de Sinais, tanto em contextos religiosos quanto em literários e educacionais. Ou seja, há um saber sobre a língua que vai se constituindo nos discursos literários e religiosos.

Enfim, podemos sintetizar a composição dos glossários dos livros literários em análises através do quadro abaixo:

Quadro 1 - Representação dos elementos visuais nos glossários

Cinderela surda/Rapunzel surda 2003	Adão e Eva/Patinho surdo 2005
Imagem sem sinais	Imagem com sinais
Escrita em sinais/SignWriting	Escrita em língua portuguesa

Fonte: Os autores.

Esse quadro aponta para o modo como os autores estruturam os glossários. Mediante o “mecanismo da antecipação, o sujeito, ao enunciar, tem a habilidade de imaginar, de preceder, de prever o que o outro quer e precisa ouvir (habilidade que, cabe observar, não é consciente)” (Silva, 2012, p. 95). Assim, os autores partem do pressuposto de que tantos leitores surdos quanto ouvintes precisam se aproximar e aprender a escrita da língua brasileira de sinais, visto ser uma língua que recebeu o reconhecimento legal no ano de 2002.

Isso mostra a preocupação dos autores em dar continuidade na difusão da língua brasileira de sinais e reforçar os sinais por meio dos glossários. Nesse sentido, compreendemos que o “glossário, ao separar algumas palavras do universo em que se tece o livro, diz do limite do pertencimento a uma língua e da forma desse pertencimento” (Petri; Medeiros, 2013, p. 51).

Considerações finais

Iniciamos este artigo com a proposta de compreender o funcionamento discursivo dos glossários na literatura surda voltada para o público infantil. Após as análises realizadas, podemos afirmar que os glossários presentes nos livros de literatura surda destinados a esse público, produzidos nos anos de 2003 e 2005, institucionalizam saberes que acompanham o movimento de legitimação desta língua no país, tanto em sua forma sinalizada quanto escrita.

As análises realizadas sobre os glossários presentes nos livros de literatura surda, sob a perspectiva do funcionamento discursivo de Pêcheux, permitem compreender como os sentidos são construídos e ressignificados no contexto da língua e história. Esses glossários não apenas catalogam os principais sinais das histórias dos livros, mas também possibilitam que o sujeito-leitor tenha acesso a esses sinais e reconte brevemente a narrativa em Libras. A sequência dos sinais nos glossários opera como um mecanismo discursivo que organiza e direciona a significação, desempenhando um papel fundamental na difusão da língua e na construção de sua relação com a cultura surda, funcionando como um instrumento de inscrição da Libras na história.

Autores surdos e ouvintes trabalham a língua. Julgamos que o glossário nos livros de literatura surda configura um espaço discursivo no qual o sujeito surdo passa a fazer valer sua voz sinalizada ou escrita. Ao inscrever a escrita do glossário – em meio à disputa pelo sentido e pela ortografia da Libras – o sujeito surdo afirma seu lugar na língua, legitimando sua presença no espaço brasileiro.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 13. ed. Tradução Valter José Evangelista e Maria Laura Vita. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. 2022. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 12 dez. 2025.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 12 dez. 2025.
- CAPOVILLA, Fernando César *et al.* **Dicionário da língua de sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. São Paulo: Edusp, 2017. 3 v.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FRAGOSO, Élcio Aloisio. **A relação entre língua (escrita) e literatura (escritura) na perspectiva da história da língua no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística), IEL/UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2001.
- HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Cinderela surda**. Canoas: Editora da ULBRA, 2003a.
- HESSEL, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Rapunzel surda**. Canoas: Editora da ULBRA, 2003b.
- KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. Material elaborado para uso na disciplina “Introdução aos Estudos Literários”, do curso de Licenciatura em Letras-Libras, na modalidade à distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- MARIANI, Bethania. Prefácio. In: FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Glossário de termos do discurso** – edição ampliada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- MEDEIROS, Vanise. Cartografias das línguas: glossários para livros de literatura. **Alfa revista de linguística**, UNESP: São José Rio Preto - SP, v. 60, n. 1, 2016
- MEDEIROS, Vanise. Saberes sobre a língua e sujeito: o glossário pelo literato. In: SCHERER, A.; SOUSA, L.; MEDEIROS, V.; PETRI, V. **Efeitos da língua em discurso**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1604-4>

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu funcionamento**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T.. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014 [1990].

PETRI, Verli; MEDEIROS, Vanise. Da língua partida: nomenclatura, coleção de vocábulos e glossários brasileiros. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras**, Universidade Federal de Santa Maria, Periódicos UFSM, v. 23, n. 46, p. 43-62, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511725>

ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Patinho surdo**. Canoas: Editora da ULBRA, 2005a.

ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Adão e Eva**. Canoas: Editora da ULBRA, 2005b.

SILVA, Maria Norma Lopes Souza Silva. **A constituição da autoria do sujeito surdo em obras literárias infantis**. Tese (Doutorado), Universidade do Estado de Mato Grosso – Cáceres, 2023.

SILVA, Nilce Maria. **Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação**. Tese (Doutorado), IEL/UNICAMP, Campinas, SP, 2012.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2016.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador**. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-1654.9717>

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1515/9781501507878-015>

Recebido em: 24 de julho de 2025
Aceito em: 7 de dezembro de 2025